

REVISTA

sem TERRA

Ceará

Ano I • Número I

Fevereiro de 2021



REVISTA

sem
TERRA
Ceará

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Monyse Ravenna

COORDENAÇÃO

Aline Oliveira

Marcelo Matos

FOTOS

**Aspásia Mariana, Brito Junior,
Carmem Gabriele e Erius Tiaraju**

FOTO DA CAPA

Aspásia Mariana

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Miguel Cela

TIRAGEM

2.000 exemplares

IMPRESSÃO

Expressão Gráfica

SUMÁRIO

- 4 Editorial** • Nossa trajetória sempre foi uma história de muitos enfrentamentos, resistências e conquistas
- 5 Feiras** • Feira Cultural da Reforma Agrária do Ceará
- 8 Agroindústrias** • MST Ceará implanta agroindústrias nos assentamentos para produção alimentos saudáveis
- 11 Metodologia** • Conheça a ação Camponesa a Camponês
- 15 Entrevista** • Stedile: 2021 vai ser o ano da vacina, da luta social e de mudanças na América Latina
- 20 Campanha** • Em plena pandemia, mulheres Sem Terra cultivam o afeto na luta contra violência
- 24 Ações** • Campanhas de Solidariedade
- 30 Saúde** • Resistindo e combatendo o coronavírus nos territórios de Reforma Agrária do Ceará
- 32 Comunicação** • As Rádios Comunitárias Populares tem um papel central na luta pela Reforma Agrária Popular
- 34 Educação** • A Rede de Comunicação Popular Sem Terra do Ceará e os Desafios em Tempos de Pandemia
- 36 Jura** • Em meio a pandemia, estudantes, educadores e militantes não deixaram de realizar a VII Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária no Ceará

Aspásia Mariana



Aspásia Mariana



Aspásia Mariana



Brício



Antônio Conselheiro

Realização



Apoio



fundo casa
SOCIOAMBIENTAL

Nossa trajetória sempre foi uma história de muitos enfrentamentos, resistências e conquistas

Vivenciamos um período adverso na sociedade que exige dos lutadores e lutadoras sabedoria no enfrentamento a onda fascista

É com alegria que apresentamos a primeira Revista Sem Terra do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — MST Ceará. O MST é um movimento popular e político de camponeses e camponesas, que surgiu no Brasil no início da década de 1980, com o objetivo de organizar os trabalhadores rurais para lutar por terra, reforma agrária e a transformação da sociedade.

Atualmente, após a quase quatro décadas o MST está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país com exceção dos estados do Amapá e Amazonas. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais. Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.

No Ceará o marco histórico é o dia 25 de Maio de 1989 quando acontece a primeira ocupação do MST no estado. À época assolavam a fome, a miséria, o coronelismo latente somado as frequentes secas, firmavam palco fértil para grandes lutas. É assim foi quando os camponeses e camponesas decidiram não se sujeitar mais a situação de servidão, enfrentando as correntes da opressão e lutando pela a terra livre, do leite e do mel.

Nossa trajetória sempre foi uma história de muitos enfrentamentos, resistências e conquistas de sujeitos que ousam construir uma nova sociedade, sem latifúndio, fome, miséria, com trabalho, renda e dignidade mostrando que os nossos direitos só a luta faz valer.

É verdade que vivenciamos um período adverso na sociedade o qual exige dos lutadores e lutadoras bastante sabedoria no enfrentamento a essa onda fascista que se alastra querendo assaltar as consciências, como se não bastasse a pandemia chega e evidência cada vez mais as contradições do sistema capitalista mostrando que a vida pouco ou nada vale diante da ganância desenfreada pelo lucro.

São tempos difíceis de muitos desafios, em que a luta em defesa da vida, dos direitos conquistados se faz urgente e necessária. Precisamos qualificar as formas de luta em tempos pandêmicos, precisamos enfrentar o genocida que que está na presidência da República...

Reunimos nesta primeira edição a síntese de nossas ações, as quais acreditamos ser o espelho da sociedade que estamos construindo, a concretização dessa revista só foi possível com a realização do projeto: “Se o Campo Não Planta, a Cidade Não Janta: Feira Estadual da Reforma Agrária, realizado pelo MST” e pela Cooperativa Central das Áreas de Reforma Agrária do Ceará com o apoio do Fundo Casa Socioambiental.

Oferecemos o que aprendemos em nossa trajetória e seguimos na resistência ativa, frente a política de retrocesso do negacionista, construindo a reforma agrária popular, produzindo alimentos saudáveis para saciar a fome dos brasileiros e brasileiras.

Desejamos uma boa e proveitosa leitura desse importante material.

Feira Cultural da Reforma Agrária do Ceará

O evento teve sua primeira edição no dia 24 de setembro de 2016



Arquivo MST Ceará

Aline Oliveira

O evento, chamado de Feira Cultural da Reforma Agrária, teve sua primeira edição no dia 24 de setembro de 2016, com caráter de comercialização, mas também com atividades de formação e cultura no mesmo evento. Desde então, a feira tem sido espaço de troca de conhecimentos, através de debates, de boa música, do acesso aos mais diversos livros com a participação do Plebeu Gabinete de Leitura e da editora Expressão Popular, além dos produtos da reforma agrária.

Mamão, banana, macaxeira, batata, melancia, abóbora, limão, alface, couve,

castanha de caju, manga, cachaça orgânica, café, arroz, corante, feijão, farinha, geleia, manteiga da terra e mel de abelha são alguns dos produtos comercializados na feira, além destes, também pode ser encontrado camisetas, artesanatos, canecas, boné e livros.

ECONOMIA

“Sempre participo da Feira da Reforma Agrária, mando banana, cheiro verde, já vendi caprinos, considero a feira muito importante por que a gente consegue vender nossos produtos e complementa a renda. E esse é um dos motivos pelo qual continuamos aqui na resistência para garantir esse



Arquivo MST Ceará

SABERES E SABORES

O espaço da feira, além de melhorar a renda das famílias de agricultores, dá a possibilidade para que a população urbana de Fortaleza consiga consumir produtos agroecológicos. “O MST é esse movimento tão bonito, que está plantando as sementes da agroecologia, defendendo o direito a uma alimentação saudável, com todos os cuidados, desde o trabalhador e a trabalhadora, até nós consumidores e respeitando sempre a saúde do solo e das águas. Comprar produtos do MST não é somente garantir a nossa alimentação saudável, mas é principalmente, defender um projeto para o Brasil”, afirma Mateus Alexandre, um dos consumidores da feira.

Ticiane Ticiane Studart, militante da Marcha Mundial das Mulheres, destaca a música e os cheiros do evento “não dá para falar da feira sem lembrar do cheiro de carneiro assando, da galinha caipira, do peixe, feijão verde, o baião. É um espaço de afirmação da cultura alimentar de nosso povo, um local de boa música, onde já passaram vários artistas importantes que compreendem a necessária articulação entre a cultura e a reforma agrária”.

pedaço de chão para continuar produzindo alimentos sem veneno”, afirma Rone Crisostomo, integrante do acampamento Zé Maria do Tomé, na cidade de Limoeiro do Norte.

Assim como Crisostomo, muitas famílias são beneficiadas com a comercialização dos produtos da reforma agrária. Antes era comum a venda dos itens pelos atravessadores por um valor mais baixo, como afirma Elissandra Moreira, do assentamento Antônio Conselheiro, em Ocara, “vendo meus produtos naturais livres de veneno, a feira é muito importante para mim e toda minha família. Antes, não existia essa possibilidade de vender direto para o consumidor, hoje eu sei que tenho minha renda garantida. Fico muito satisfeita em participar desse processo de organização do MST, espero em breve estar de volta com a feira presencial”.



Arquivo MST Ceará

PROGRAMAÇÃO DA FEIRA

As Feiras da Reforma Agrária acontece sempre no segundo sábado de cada mês, a partir das 9 horas, com exposição e venda de produtos, debates, comidas típicas e música ao vivo.

Desde o mês de abril de 2020, por conta da pandemia do coronavírus, a feira vem acontecendo de forma virtual, como explica Clarice Rodrigues, da Direção Estadual do MST e da coordenação da feira “realizar a feira nesse formato tem sido um desafio, uma experiência nova, nunca tínhamos feito dessa forma, foi muito desafiador, considerando o período de crise sanitária que nós estamos vivendo. Mas, decidimos tocar com todos os cuidados necessários, desde os produtores e os que organizam a feira, até os consumidores. Um dos maiores desafios foi lidar com todos os protocolos que estavam postos, com todos os cuidados para que ninguém se contaminasse. Outro desafio foi se adequar a logística para dar conta dos pedidos, desde entregas, preparação e organização”.

Ainda não há uma previsão para a retomada da feira presencial. Por enquanto, os pedidos podem ser feitos através do site centrofreihumberto.com.br, sempre na primeira semana do mês. ●



A Feira Cultural da Reforma Agrária é uma realização do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rural Sem Terra (MST), da Cooperativa Central das Áreas de Assentamentos de Reforma Agrária (CCA) e do Centro de Formação Capacitação e Pesquisa Frei Humberto.



Arquivo MST Ceará

MST Ceará implanta agroindústrias nos assentamentos para produção alimentos saudáveis

Com mais de 1.200 famílias diretamente beneficiadas pelo Projeto São José III as indústrias irão processar mais de 150 variedades de produtos.

Ricardo Cassundé e Sheila Rodrigues

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — MST Ceará está em fase de implantação de cinco agroindústrias de beneficiamento de produtos agrícolas. As instalações são fruto da mobilização dos trabalhadores e trabalhadoras que tem como objetivo produzir alimentos saudáveis e acessar os mercados governamentais e institucionais. Ao todo, estão envolvidos 96 assentamentos com mais de 1.200 famílias beneficiárias direto do Projeto São José III. As indústrias irão processar mais de 150 variedades de produtos.

Um projeto inovador que trabalha vários aspectos da organização, desde a gestão política das entidades, implantação de áreas

produtivas, formação de pessoas, fortalecimento da cooperação e intercooperação. O debate da inserção da juventude e das mulheres é garantido desde formação de pessoas até a contratação de colaboradores.

Em mais de três décadas de existência, o MST tem organizado diversas famílias camponesas para adentrar a terra e construir suas condições de produzir para o seu autoconsumo. No atual cenário, o Setor de Produção Cooperação e Meio Ambiente — SPCMA do MST Ceará tem pautado ações junto ao Governo do Estado para melhoria das condições de vida das famílias assentadas com foco no beneficiamento e comercialização de seus produtos.



Fotos: Arquivo MST Ceará

Ricardo Cassundé, Técnico em Agroecologia pelo SERTA-PE e militante do setor de produção, explica que todos os territórios organizados pelo MST do Ceará estão localizados em municípios assolados pela semi-aridez onde “essa condição natural tem colocado nossas famílias em alguns meses em vulnerabilidades quanto a escassez hídrica, a degradação dos recursos naturais afetando a produção agrícola”.

Os empreendimentos estão localizados nos territórios conquistados da luta pela terra organizados em sistemas produtivos com foco nas potencialidades regionais onde contamos com fabricas de beneficiamento de caju e castanha (Assentamento Zé Lourenço em Chorozinho), Mel (Assentamento Massapê em Mombaça), Caprinos e Ovinos (Assentamento Palestina em Independência), Mandioca (Assentamento Lagoa do Mineiro em Itarema) e Leite (Assentamento Nova Canaã em Quixeramobim).

Francisco Waldeci, assentado no Assentamento Massapê em Mombaça, vê na agroindústria a possibilidade de escoar sua produção. “Essa obra para nós aqui é um sonho, porque a gente produziu a vida toda e só mandava para o atravessador, agora nós sabemos que nossa produção vai para nossa cooperativa e com um preço mais justo, melhora a nossa vida e a gente se interessa mais para plantar e criar na nossa terra”, comemora.

Para Manoel Missias, dirigente do setor de produção, a conquista das nossas agroindústrias “é mais um passo importante para a sustentabilidade do nosso projeto político de campo para a sociedade que o MST vem propondo que é de produzir alimentos de qualidade para a população e garantia de melhores condições de vida as famílias assentadas”. Missias ressalta que este projeto se insere numa nova dinâmica no cotidiano camponês com relação as

formas criar e plantar, “mais que são processos necessários e que contribuem diretamente para o fortalecimento da participação das mulheres e de nossa juventude nos diversos processos produtivos e sociais, pois a garantia da agregação de valor e a geração de renda se torna importante estratégia de resistência e permanência para as famílias no campo” afirma.

A COMERCIALIZAÇÃO NAS COOPERATIVAS

Seis cooperativas regionais atuam como gestoras das indústrias de beneficiamento do leite, mel, caprinos, caju e mandioca. Essas entidades são a representação política e econômica dos assentados e mantém relação com demais agricultores familiares nas regiões. Em 2020, as cooperativas iniciaram experiências de comercialização para os mercados governamentais e convencionais com expectativa de ampliar neste ano de 2021, como é o caso da Cooperativa Regional dos Trabalhadores Apícolas Assentados e Assentadas da Reforma Agrária – COOPERAMEL, que comercializou 24 toneladas de mel em 2020 e pretende comercializar 60 toneladas em 2021.

A Cooperativa Regional dos Assentados de Reforma Agrária do Sertão Central – COOPERASC que comercializou 730.000 litros para empresa de laticínio Betânia e 498.400 litros para o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e pretende ampliar suas vendas para 1.825.000 de litros de leite. A Cooperativa Regional dos Assentados/as de Reforma Agrária do Sertão dos Inhamuns Crateús – COOPERAMUS comercializou 1.600 animais comercializados e quer ampliar para 10 mil, além dos produtos industrializados.

A Cooperativa Regional de Produção Agroindustrial Luis Carlos Ltda – COLPAC comercializou 800 quilos de amêndoas e em



Fotos: Arquivo MST Ceará

2021 a estimativa 100 mil quilos. E na região do litoral a Cooperativa Regional dos Assentados da Região Litoral Norte — COOPARANORTE pretende comercializar 10 toneladas de farinha e goma de mandioca neste ano.

O PAPEL DA PRODUÇÃO NA LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

O MST tem cumprido um papel relevante na luta pela água, terra, produção, educação, cultura dentre outras infra-estruturas que compõe a construção da Reforma Agrária Popular. A conquista das agroindústrias de beneficiamento de produtos das áreas de Reforma Agrária, em parceria com o Governo do Estado e a Secretaria de Desenvolvimento Agrário — SDA, por meio do Projeto São José III, e a Fundação Mundikide desde o País Basco que tem colaborado com as experiências em gestão de pessoas e cooperativas a partir do trabalho de profissionais especializados, garantido a implantação de projetos estruturantes que pos-

sibilitam que camponeses assentados comercialize seus produtos de forma agroecológica.

Outro desafio que caminha junto com o sucesso da agroindustrialização é a cooperação agrícola. No momento, o MST do Ceará realiza a gestão das CPAs — Cooperativas de Produção Agropecuária com foco na comercialização com mercados locais e também institucionais, além de processos formativos junto as famílias assentadas com foco na produção agroecológica.

Ricardo Cassundé, que colabora na condução dos núcleos de produção para as agroindústrias e com foco na certificação orgânica, afirma que “o fomento a produção agroecológica é o caminho para sair da dependência dos insumos que encarecem a produção, mas acima de tudo construir alternativas produtivas e tecnológicas para promover saúde e dignidade no campo, porque uma alimentação saudável é direito de todos/as que plantam, colhem e consomem”. ●



Aspásia Mariana

Conheça a ação Camponesa a Camponês

Karol Rodrigues

Com a definição política do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) de organizar os sistemas produtivos e o modo de vida no campo – a partir das suas áreas de acampamento e assentamento – com base na agroecologia como matriz científica e tecnológica, diversas ações formativas e práticas tem sido realizadas no sentido de construir conhecimentos e práxis agroecológica com recuperação de saberes ancestrais e promoção do diálogo entre as formas de saber camponesas e acadêmicas.

Nesse contexto, com a convicção de que a agroecologia é um caminho para o bem viver no campo e com inspiração na experiência cubana de elevação da escala da produção camponesa de base agroecológica com a Metodologia *Camponês a Camponês* (CaC) – que temos renomeado como *Camponesa e Camponês a Camponesa* e *Camponês (CaC)* –, o MST Ceará tem aderido à essa

construção metodológica e realizado ações desde o ano de 2018 no território do Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa.

Com os aprendizados, no ano de 2020 foi tomada a decisão de ampliar o trabalho com a Metodologia CaC para outros territórios no Estado e dois processos convergiram dando impulso à materialização desse propósito:

- 1)** O estudo e a prática nas Escolas de Ensino Médio do Campo com inserção da Metodologia CaC no planejamento dos Campos Experimentais da Agricultura Camponesa e no currículo dos Cursos Técnicos em Agroecologia e de Administração com Ênfase nas Organizações Sociais, prestes a iniciar;
- 2)** A definição política do Movimento de desenvolver ações com a Metodologia em todos os territórios, mas no momento, priorizando onde estão situadas as referidas Escolas e a sede das agroindústrias, perfazendo 13



Aspásia Mariana

assentamentos: Santana da Cal em Canindé, 25 de Maio em Madalena, Nova Canaã em Quixeramobim, São-lão e Massapê em Mombaça, Maceió em Itapipoca, Lagoa do Mineiro em Itarema, Bonfim Conceição em Santana do Acaraú, Antonio Conselheiro em Ocara, Pedra e Cal em Jaguaratama, José Lourenço em Chorozinho, Santana em Monsenhor Tabosa, e, Palestina em Independência.

Como parte do processo, elaboramos um projeto intitulado: Quintais Produtivos e agroecologia no Semiárido: Implementando a metodologia Camponês a Camponês, fortalecendo o protagonismo das mulheres camponesas, visando potencializar as atividades nesses assentamentos com centralidade para os saberes e vivências das mulheres camponesas como guardiãs das práticas de produção com maiores níveis de cuidado com a natureza e com a vida.

Em momento anterior, também havíamos iniciado o trabalho com a Metodo-

logia CaC no Assentamento Palmares em Crateús, e, após a aprovação do projeto e das articulações e divulgações que fizemos nas regiões, militantes locais do MST mobilizaram para a inclusão de mais dois Assentamentos: o Riacho do Meio em Mombaça e o Picos de Cima em Santa Quitéria.

Portanto, atualmente a rede que está sendo tecida abrange 16 assentamentos onde a proposta de formação dos coletivos participantes é de no mínimo 10 mulheres, e, considerando que um deles é formado por 20 a estimativa é que, até o momento, 170 mulheres estejam envolvidas diretamente nos processos de formação se qualificando como multiplicadoras/promotoras de práticas agroecológicas.

Essa construção também envolve um coletivo de coordenação comprometido com a implementação do Camponesa e Camponês a Camponesa e Camponês que se reúne semanalmente para avaliar e planejar as ações. Atualmente está formado por: Ivonete Fernandes, Creunice Eufrauzino e Cidivan Veras



Aspásia Mariana

que fazem parte da coordenação do processo iniciado na Santana; Maria de Jesus dos Santos, Karol Rodrigues e Andreia Castro que são vinculadas ao Setor Estadual de Educação; Cristina Feitosa representando o Setor Estadual de Produção; Sintia Gonçalves pelo Setor Estadual de Gênero; Lia Pinheiro pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); e, Claudia Martins pela Brigada Roseli Nunes.

Além desse coletivo, contamos com companheiras e companheiros na realização das ações em cada território e estamos organizando os coletivos locais para contribuir na facilitação dos processos.

Seguindo os passos da Metodologia, dentro do que é possível encaminhar e realizar através dos meios virtuais ou com todos os cuidados de distanciamento social diante dos desafios que a pandemia nos impõe, temos avançado com o mapeamento das práticas e técnicas de produção realizadas pelas mulheres nas suas áreas, principalmente, nos quintais produtivos para identificar o que já existe de práticas agroecológicas.

Também realizamos quatro seminários virtuais entre 06 de novembro e 04 de dezembro de 2020 envolvendo as regiões Sertão Central, Litoral, Metropolitana-Jaguariri e Sertão dos Inhamuns onde dialogamos sobre a concepção de agroecologia e as ações para sua territorialização promovidas pela Via Campesina internacional com a metodologia Camponesa e Camponês a Camponesa e Camponês, e, realizamos roda de conversa sobre as experiências agroecológicas das mulheres do MST.

Nos próximos passos, realizaremos o Diagnóstico Rápido Participativo para conhecer a forma como as práticas agroecológicas são realizadas e os problemas existentes nos sistemas produtivos para, a partir daí, organizar processos de multiplicação das experiências no diálogo entre essas camponesas e outras camponesas e camponeses visando construir conjuntamente as soluções para os problemas produtivos através, por exemplo, de encontros, oficinas, intercâmbios, onde elas são as promotoras/educadoras e



Aline Oliveira

Antônio Conselheiro

suas áreas produtivas vão sendo transformadas em espaços de ensino, experimentação, aprendizagem e cada vez, mais fartura!

No entanto, a mobilização que surge dessa dinâmica vai além fortalecendo também as formas cooperadas de sociabilidade e organização coletiva para enfrentamento de outros problemas no âmbito social e das relações de gênero, no educativo, no econômico, político, enfim, nas diversas dimensões da vida em sociedade.

Nesse sentido, o trabalho com a Metodologia junto com as mulheres tem a intencionalidade de reconhecer e visibilizar o trabalho das camponesas e sua importância na construção da agroecologia e da soberania alimentar em dinâmi-

cas que envolvam as demais pessoas com quem convivam em casa, e, objetiva também fortalecer a organização coletiva delas nos assentamentos, a participação ativa no MST, a contribuição para o desenvolvimento da Metodologia CaC e a massificação da agroecologia, e, o acompanhamento aos Campos Experimentais da Agricultura Camponesa nas Escolas de Ensino Médio do Campo em processos de apoio mútuo.

É na certeza da potencialidade desse processo com as mulheres camponesas Sem Terra que acreditamos na possibilidade do enraizamento da agroecologia em cada território nosso e seguimos construindo este processo que é contínuo, desafiador e, principalmente, inspirador e belo.

Mulheres em luta, semeando a resistência! .



Camila Garcia/Brasil de Fato Ceará

Stedile: 2021 vai ser o ano da vacina, da luta social e de mudanças na América Latina

Dirigente do MST prevê o isolamento do Brasil em um continente progressista e acredita na retomada da mobilização de massas

Caroline Oliveira
Brasil de Fato (SP)

Integrante da coordenação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) aposta em mudanças na correlação de forças do continente americano em 2021. “Já começaram a soprar os ventos favoráveis dos Andes”, disse o economista de formação na entrevista.

“Vamos ter eleições em fevereiro no Equador, depois no Peru e depois no Chile. As forças progressistas vão ganhar essas três eleições, e isso vai então alterar a correlação de forças na América Latina. Praticamente vai ficar apenas o Brasil como um governo direitista”, explicou Stedile.

“Aqui para o Brasil, a correlação de forças a gente muda com a luta de classes”, afirmou. “Estou confiante que assim que conseguirmos universalizar o acesso à vacina, isso vai nos dando capacidade e espaço para mobilizar, fazer lutas de massas, alterar a correlação de forças.”

Quando Stedile fala em alterar a correlação de forças, pensa em abrir caminhos para a Reforma Agrária Popular, o projeto de país do MST. O ano de 2020, porém, foi de ações contundentes contra a luta pela terra no campo brasileiro.

Entre outros eventos, o período ficou marcado pelo despejo violento de 56 horas

de duração no acampamento Quilombo Campo Grande, no Sul de Minas Gerais, que ficou para a história como o mais longo do século 21 no Brasil.

Também em 2020, o governo de Jair Bolsonaro (sem partido) negou o auxílio emergencial a agricultores familiares durante a pandemia de covid-19. A este cenário, somou-se ainda o aumento da violência no campo, de acordo com números da Comissão Pastoral da Terra (CPT): um crescimento de 1.880% de ocorrências em relação a 2019.

Para Stedile, Bolsonaro e seu ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, são legítimos representantes do “latifúndio atrasado” — “que só acumula se apropriando dos bens da natureza” —, mas, em compensação, entregou seu ministério da Agricultura para o agronegócio exportador, mais moderno mas igualmente predatório — que também agride o meio ambiente, depende do uso extensivo de veneno e não paga impostos.

Como contraponto aos dois modelos muito bem representados pelo governo federal, Stedile explica o caminho da agroecologia e do cooperativismo. Também analisou o resultado das eleições nacionais e fez projeções para 2021.

Leia a entrevista na íntegra:



Joka Madruga

Em 2020, houve o despejo em Quilombo Campo Grande, o auxílio emergencial negado aos trabalhadores do campo e o aumento da violência no campo, de acordo com a CPT. Como o senhor analisa 2020 diante dos retrocessos principalmente em relação aos temas ligados ao campo?

Mais do que uma nova correlação de forças adversas no Estado brasileiro, também foram tomadas uma série de medidas contra a reforma agrária e a agricultura familiar.

Na área da reforma agrária, simplesmente paralisaram. Não tem mais desapropriação. Sucatearam o departamento de obtenção de terras, o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), o Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária (ATES), o Programa Nacional de Habitação Rural. Também desidrataram a compra antecipada de alimentos pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Era um programa muito generoso, porque garantia a compra de qualquer alimento dos camponeses. Também acabaram praticamente com o

controle sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que determina que 30% de todos os recursos da merenda escolar devem ser adquiridos com produtos alimentícios produzidos pela agricultura familiar.

Isso tem ligação não apenas com uma política de governo, mas uma política estruturante do país, que é a questão da exportação de commodities em detrimento do desenvolvimento interno. Gostaria que o senhor falasse um pouco dessa questão da posição do Brasil no mundo como exportador de commodities e como o governo Bolsonaro intensifica esse processo.

Há no Brasil nas três últimas décadas uma disputa permanente entre três modelos de domínio da agricultura. Um é o latifúndio atrasado que só quer se apropriar das terras públicas e não produz nada. Só acumula se apropriando dos bens da natureza, daí o nome “atrasado”, porque é uma referência à acumulação primitiva de capital.

O segundo é o agronegócio, que só produz commodities para exportação, utilizando um modelo de produ-

ção que agride o meio ambiente, com o uso de sementes transgênicas e dos agrotóxicos, e expulsando a mão de obra com a mecanização, além de não pagarem nada de imposto. E o terceiro modelo é o nosso modelo da agricultura familiar camponesa, no qual nos dedicamos a produzir alimentos para o mercado interno.

Esses três modelos se enfrentam cotidianamente, porque são contraditórios entre si. Agora, no atual governo neofascista do capitão, adquiriram mais força no Estado brasileiro o modelo, sobretudo, do latifúndio, representado no governo por Ricardo Salles e Nabhan Garcia, que passaram a boiada.

O modelo do agronegócio é da natureza do capitalismo e por isso está presente na América Latina, na África, na Ásia, independente de governo. No caso brasileiro, vem desde Fernando Henrique Cardoso, quando emergiu o agronegócio.

O Estado brasileiro criou ainda mais condições para o agronegócio desenvolver. Ao contrário da Argentina, por exemplo, o agronegócio

não paga imposto de exportação, por meio da Lei Kandir. Então, é um modelo que produz muita riqueza, porém é acumulada apenas por alguns poucos proprietários de terra. Então, a bem da verdade, o governo Bolsonaro só seguiu incentivando, entregou o Ministério da Agricultura para o agronegócio.

Mas o agronegócio passa por contradições dentro do governo Bolsonaro quando este entra em conflito com a China, grande importadora de commodities brasileiras, certo?

Esse mesmo agronegócio está começando a enfrentar contradições do próprio governo Bolsonaro. Primeiro nos ataques ideológicos que o governo Bolsonaro tem feito contra a China. Ora, a China compra aproximadamente 60% das commodities agrícolas brasileiras. É uma burrice comprar briga com a China. Então a ministra Tereza Cristina

vive apagando incêndios dessa contradição interna.

A segunda contradição é com a Europa, que está cada vez mais limitando o uso de agrotóxico e colocando mais condicionantes, sobretudo para as nossas frutas exportadas que têm muito veneno. Também vai colocar condicionantes relacionadas à destruição da Amazônia, do nosso Pantanal. Isso tudo vai afetar o mercado externo do agronegócio, de maneira que eles têm muitos problemas aí pela frente.

Diante deste cenário, reforma agrária, agroecologia e agricultura são uma solução?

Uma solução no campo, mas não resolve todos os problemas nacionais. Primeiro, os nossos territórios devem ser utilizados fundamentalmente para produzir alimentos para o nosso povo, não para o mercado externo. E não qualquer alimento, precisa

ser alimento saudável, sem agrotóxico. A forma de produzir esses alimentos é a agroecologia.

Se houver renda para o povo comer queijo e iogurte, vai faltar vaca

Muitos dizem que o mercado interno do Brasil é pequeno. É pequeno porque o povo não tem trabalho, não tem renda. Se houver renda para o povo comer queijo e iogurte, vai faltar vaca.

Nós devemos fazer um grande programa de agroindústrias, na forma cooperativada dos camponeses. Cada município deve ter várias agroindústrias para beneficiar o leite, as frutas e os alimentos em geral. Na forma cooperativa, aquele valor agregado não vai para a Nestlé, não vai para as multinacionais,



Aspásia Mariana

vai para o povo que mora lá, e a cooperativa gera mais emprego.

Além da proteção da biodiversidade, das águas e do meio ambiente, completaria, então, esse programa agrário com amplo programa de educação para atingir toda a população que vive no meio rural. Nós temos milhões de analfabetos adultos, trabalhadores, cidadãos que não têm o direito de conhecer as letras. Nós temos de criar mecanismos da nossa juventude entrar na universidade. Todo mundo tem as suas vocações e tem direito ao ensino superior.

O capitalismo já está nos seus estertores

Diante desse cenário da nova correlação de forças que o senhor chama de "adversas" dentro do governo Bolsonaro e de um programa de desenvolvimento nacional oposto ao implementado atualmente, quais são os desafios colocados na mesa para a esquerda?

Primeiro, o capitalismo já está nos seus estertores, não consegue mais resolver os problemas da humanidade. Ao contrário, gera cada vez mais desigualdade social. Qual é o cenário que nós temos pela frente? Ter essa leitura mais estruturante e histórica de que nós estamos em uma fase de profunda crise do capitalismo, do modo de produção, é uma crise sistêmica. E, portanto, vai ser prolongada, não vai terminar com a vacina.

Ao contrário, tende a se aprofundar na sua natureza econômica, na desigualdade social,

nos crimes ambientais cometidos pelas empresas, na crise política que está relacionada com a natureza do Estado burguês e, inclusive, nos valores que o capitalismo prega que são o consumismo e o individualismo.

Essa crise que estou descrevendo percorre o mundo. Aqui no Brasil nós temos o agravante de ter um governo neofascista, porém também está com os dias contados, porque não tem projeto de país, não tem base social suficiente e não criou uma hegemonia na sociedade. Hegemonia se cria com ideias e propostas.

As próprias eleições municipais revelaram de como ele não tem mais ressonância nas suas propostas. O ideário necessário é a troca de governo. Porém, para termos a saída do governo, teríamos de ter um amplo apoio de

setores da burguesia que ainda querem se locupletar com as políticas públicas de Paulo Guedes.

Por último, temos desafios organizativos como esquerda, no sentido amplo. Primeiro lutar para que a vacina venha logo, via SUS, e com isso criam-se as condições para que a classe trabalhadora volte a fazer luta de massa em defesa de seus direitos.

Segundo desafio: construir uma ampla aliança social com uma pauta em comum, que começa pela vacina já, mas também pela luta pelo emprego e pela recomposição do auxílio de emergência, porque essas são as duas condições que garantem a vida.

Terceiro, o direito à alimentação. Parte da nossa população se alimenta aquém das necessidades nutricionais, de maneira que nós temos que lutar pelo di-

Aspásia Mariana





Partido dos Trabalhadores



Arquivo MST Ceará

reito à alimentação saudável. Isso nós podemos conseguir com programas de apoio à agricultura familiar, de cestas básicas, hortas urbanas, etc.

A quarta necessidade que nós temos é tributar os ricos, as fortunas, herança, movimentação financeira. Não sei porque a esquerda parou de falar nisso. E, finalmente, nós temos de lutar contra as privatizações que o governo já colocou na agenda: privatização da Eletrobras, Correios e Caixa.

O senhor comentou sobre as eleições municipais. Seriam as eleições municipais um prelúdio de 2022?

As eleições municipais sempre são importantes, mas são marcadas, como dizem os mexicanos, pela idiossincrasia local. Aí não está em jogo ideologia, estão em jogo cenários muito locais, que são influenciados pelos personagens que são candidatos, pela administração anterior. Então o resultado das eleições nos municípios é dos municípios. Nós não podemos tirar lições que nacionalizem. Se vocês quiserem uma prova da história do Brasil, na década de 80, o PMDB controlava praticamente todos os governadores do estado e 80% das prefeituras. Lançou Ulysses Guimarães para candidato à Presidência e fez 3% dos votos.

É claro que em algumas capitais, houve também uma luta

ideológica partidária. Mas em todas, o grande derrotado foi o bolsonarismo. E aí existem lições que nós devemos aproveitar. Nós devemos ter uma interlocução imediata com os prefeitos e vereadores que assumiram no dia 1º de janeiro, para vermos como no território de uma Prefeitura nós podemos tomar políticas públicas que ajudem a melhorar as condições de vida do povo. Acho importante que a gente utilize o espaço excepcional da Prefeitura para organizar o povo, ter mais participação popular na política municipal e conseguir resistência ativa de massas.

Nós temos que nos preparar para a luta de massa, formar militantes e discutir um novo programa popular para o Brasil, para que as eleições de 2022 não sejam apenas um debate de siglas partidárias. Mas que seja sobretudo um debate de que projeto nós precisamos para o Brasil.

O que esperar de 2021 tanto no âmbito nacional quanto no âmbito da América Latina pensando aí na correlação de forças e na pandemia?

Em resumo, 2021 vai ser um ano da vacina, de muita luta social e de mudanças. Pode escrever isso. Agora, em que cenário isso vai se desenrolar?

Começando pela América Latina, já começaram a soprar os ventos favoráveis dos Andes. As eleições na Argentina e Bolívia e o aprofundamento da crise

no Chile, Peru, Equador e Colômbia já estão revelando que vamos ter mudanças no caminho do progresso da esquerda.

Vamos ter eleições em fevereiro no Equador, depois no Peru e depois no Chile. As forças progressistas vão ganhar essas três eleições, e isso vai então alterar a correlação de forças na América Latina. Praticamente vai ficar apenas o Brasil como um governo direitista, e a Colômbia, que enfrenta muitos problemas sociais.

Acredito também que o governo Biden dos EUA não é a mesma coisa que o Trump, ainda que ele represente os interesses do capital. Mas o Biden vai ter uma outra política. Não é que seja a nosso favor, mas de maior convivência e democracia. Eles não podem tratar a América Latina desse jeito que o Trump e o “Seu Pompeo” trataram.

Aqui para o Brasil, a correlação de forças a gente muda com a luta de classes. Nossa obrigação é organizar a classe trabalhadora, estimular a luta de massa, para que a correlação de forças também aqui no Brasil se altere.

Estou confiante que assim que conseguirmos universalizar o acesso à vacina, isso vai nos dando capacidade e espaço para mobilizar, fazer luta de massas, alterar a correlação de forças e ir pavimentando um caminho que represente um novo projeto para o nosso país. ●

Em plena pandemia, mulheres Sem Terra cultivam o afeto na luta contra violência

Camponesas seguem atuando contra a violência do patriarcado racista, misógeno e capitalista



Brito

Redação*

Mesmo com a pandemia e os protocolos de distanciamento social para minimizar a circulação da covid-19, a **Campanha Nacional de Combate à Violência Contra as Mulheres no Brasil**, teve participação efetiva das mulheres Sem Terra. Ainda que isoladas, elas mantêm-se mobilizadas, na resistência, e reinventando-se na luta pela vida.

Com o lema “Cultivar afetos e Combater a Violência”, desta vez as mulheres camponesas não estiveram nas ruas e nas praças, em marchas e atos públicos, e nem nas ocupações de latifúndios. Porém, seguiram mobilizadas em atividades virtuais de denúncias contra a violência cometida pelo patriarcado racista, misógeno e capitalista nos assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária por todo o Brasil.

Como ato simbólico, neste **25 de novembro, Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher, as mulheres Sem Terra**, articuladas com as companheiras de outros movimentos e entidades de luta do povo, realizaram panfletagens em diversas cidades do Brasil. Respeitando o distanciamento e os protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS), as camponesas do MST também pretendem organizar pequenas rodas de conversas nos assentamentos e acampamentos para marcar a data.

Trata-se de uma semana histórica, de luto, mas também de luta, organização e reflexão das mulheres e da sociedade no combate a todas as formas de violência contra a mulher. A assentada da Reforma Agrária e integrante da coordenação estadual do MST no Paraná, Ceres Hadich, diz que neste momento de crise as camponesas conside-

ram fundamental construir outras possibilidades de afetos e de soluções para enfrentar e combater os vários tipos de violência.

“Por isso a gente tem se somado nessa campanha, que é cultivar afetos e derrotar a violência. Entendemos ser necessário construir valores entre nós, mulheres; entre nós e os homens; e entre nós e a sociedade. Assim a gente espera que o cultivo dos afetos também pode apontar para outros rumos, formas de ser e de viver. Esse tem sido um desafio nos assentamentos e acampamentos”, diz.

Lizandra Guedes, coordenadora do setor de gênero do MST no Maranhão, explica que o caráter da Jornada de Luta foi ampliado em 2020 e que as trabalhadoras seguem em luta contra o vírus e todas as formas de violência. “Neste ano nossa Jornada assumiu um caráter mais amplo, denunciando também o racismo, que causa efeitos ainda mais devastadores nas mulheres. As mulheres Sem Terra vêm cumprindo importante papel durante a pandemia. Apesar da evidente sobrecarga de trabalho, nossas mulheres têm se destacado nas ações de solidariedade, de cuidado, fortalecendo sua atuação política”, afirma.

DIA DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER TEM ORIGEM HISTÓRICA

No Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher, a luta ganha destaque pelo fim de todos os tipos de violência contra as mulheres ou pessoas que optaram pelo gênero feminino. A data relembra o assassinato das irmãs Mirabal. Eram três ativistas religiosas que lutavam contra a ditadura do presidente Rafael Leónidas Trujillo, na República Dominicana. Seus corpos foram encontrados no início dos anos 1960, após as três serem torturadas e assassinadas pelo governo.

A violência contra a mulher segue na vida cotidiana de mulheres, meninas, mães, avós, lésbicas, LGBTs e quem escolheu esse

gênero. É uma violência que se entranha em todos os espaços da sociedade patriarcal, violenta e excludente, nas ruas, em casa, no transporte coletivo, no trabalho, e tem aumentado com o isolamento social durante a pandemia. E segue presente na cultura brasileira, em posturas machistas e no preconceito das pessoas, que ainda consideram a mulher com menos direitos ou sem o direito à igualdade, somente pelo fato de ser mulher.

MACHISMO ENRAIZADO NO CAPITALISMO

Um levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com a empresa Decode, feito a pedido do Banco Mundial, revela que os casos de feminicídio cresceram 22,2%, entre março e abril de 2020, em 12 estados do país, comparativamente ao ano passado.

Maria Suely Gomes, da coordenação estadual do setor de gênero do MST no Pará, conta que além das várias formas de violência que as mulheres enfrentam em casa, no trabalho, há também a violência do grande capital, que na Amazônia cresce gradativamente a partir da destruição da natureza e das formas de vida dos camponeses, que afeta diretamente as mulheres. Para ela é fundamental a organização de coletivos, troca de informações e a formação para que as mulheres se sintam encorajadas em denunciar as violências e buscar alternativas em parcerias.

“A organização e a luta das mulheres são imprescindíveis nesse enfrentamento na perspectiva de construção de outro mundo. É preciso avançar no estudo, na coletividade, na cooperação, além de somar com outras mulheres que também sofrem com essas violências. Promover a articulação das camponesas junto às mulheres da cidade para entender que o problema é geral, e que não estamos só”, comenta. ●

Campanha “Mulheres Sem Terra Contra os Vírus e as Violências”

Como alternativa para minimizar os casos de violência doméstica e outros tipos de violência contra a mulher, em meio a um contexto de pandemia, isolamento social, ações assassinas e abandono do governo Bolsonaro, em abril DE 2020, o MST lançou a Campanha “Mulheres Sem Terra: Contra os Vírus e as Violências”.

A intenção é combater e construir alternativas para acabar com todo tipo de violência praticada contra as pessoas mais vulneráveis. Segundo Lizandra Guedes, a Campanha tem cumprido um papel importante durante a pandemia no período em que a violência tem se agravado, promovendo o fortalecimento das mulheres do campo, para que não se sintam sozinhas neste momento de isolamento social.

Ela aponta que o balanço foi positivo, com ações da Campanha nas redes sociais por meio de lives, produções audiovisuais, e um conjunto de conteúdo online, e no diálogo com a base social Sem Terra.

Nesse sentido, as camponesas do MST definiram que a campanha deve se tornar permanente, aliada a outras ações e atividades desenvolvidas pelo MST no combate às diversas formas de violência contra as trabalhadoras e trabalhadores Sem Terra.

Com informações de Solange Engelmann, da página do MST

A dirigente estadual do setor, Sintia Gonçalves, aponta as principais questões:

- Com a emergência da covid-19 e o início da quarentena fizemos vários debates e ações com o tema do combate a violência contra as mulheres dentro da campanha “Mulheres Sem Terra contra o vírus e a violência”. Sabemos que nesse período as mulheres tem sofrido vários tipos de violência, desde a violência psicológica, até a violência física com o aumento dos índices de feminicídios. Também apontamos o aumento da carga de trabalho das mulheres.
- Estamos executando o “Projeto Elas” que no Ceará trabalh com mulheres lésbicas, trans e bissexuais. Elas fazem parte de um público que também estão sofrendo violência na pandemia e é importante dizer que existem sim LGBTs em nossas brigadas, acampamentos e assentamentos.
- Entre os desafios, precisamos continuar fortalecendo o setor de gênero no estado e a organização das mulheres, fortalecendo grupos de mulheres nos assentamentos e acampamentos e sua formação.

Que nós mulheres estejamos em todos os espaços coletivos levando nossas pautas!

Balanço e desafios do Setor de Gênero do MST CE



Campanhas de Solidariedade

ABRIL

No Ceará, Sem Terra distribuem 15 toneladas de alimentos em jornada de solidariedade

Além da capital do estado, produtos da reforma agrária foram distribuídos em Crateús, Jati, Mauriti e Crato

| Aline Oliveira e Marcelo Matos

Em dia de solidariedade e resgate da memória do Massacre de Eldorado do Carajás, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Ceará, distribuiu 15 toneladas de alimentos vindos de assentamentos e acampamentos de todo o estado. Milho verde, feijão, jerimum, melancia, mamão, pepino, banana, tomate, farinha e CINCO mil litros de leite foram alguns dos itens doados.

A Jornada Nacional de Luta pela Reforma Agrária, que ocorre anualmente durante o mês de abril, teve como mote deste ano ações de solidariedade junto a populações em situação de vulnerabilidade, em meio à pandemia da covid-19. Este calendário de mobilizações ocorre em homenagem e denúncia do assassinato de 21 Sem Terra, em 17 de abril de 1996, em Eldorado do Carajás, no Pará.

No Ceará, os alimentos foram doados para organizações urbanas que já fazem trabalhos nos bairros visitados, como a Pastoral dos Migrantes e Refugiados, Lar amigos de Jesus, Casa Filho Prodígio, Comunidade do Dendê, Movimento de Saúde Mental Comunitária, Recanto Sagrado Coração de Jesus, Movimento dos Trabalhadores por Direitos (MTD), Etnia Pitaguary, Comunidade Moura Brasil e Levante Popular da Juventude.

Para além da capital cearense, também ocorreram distribuições de produtos da reforma agrária em bairros da periferia dos municípios de Crateús, Jati, Mauriti e Crato.

Para Neidinha Lopes, integrante da Direção Estadual do MST no Ceará, “o ‘17 de Abril’ simboliza o marco da luta camponesa em defesa da reforma agrária e denúncia dos assassinatos no campo. Nes-

te ano, diante da pandemia da covid-19, uma conjuntura difícil para toda a humanidade, principalmente a classe trabalhadora, realizamos atos em todo Brasil distribuindo alimentos vindos diretamente dos assentamentos e acampamentos de reforma agrária”.

Outra pauta levantada pela jornada de lutas dos Sem Terra é a defesa de políticas públicas e direitos sociais. “Hoje estamos com essa ação demonstrando a importância que tem a garantia da terra para quem nela trabalha. Estaremos doando os frutos da nossa terra conquistada e muitos ainda a conquistar. Nosso compromisso é produzir alimentos saudáveis e fazer chegar nas mãos de quem mais precisa. É momento de solidariedade, de transformar o luto em força pra combater os nossos inimigos”, afirmou Neidinha. ●

No Ceará, ação de solidariedade apoia famílias atingidas por enchentes em Inhamuns

O MST Ceará distribuiu mais de 1 tonelada de alimentos

No dia 10 de abril, o MST Ceará realizou diversas ações de solidariedade, doando alimentos saudáveis, roupas, materiais de limpeza e máscaras, em apoio as famílias atingidas pelas enchentes nos municípios de Crateús e Hidrolândia.

A ação foi uma iniciativa das famílias assentadas e acampadas de reforma agrária que residem nos municípios de Santa Quitéria, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Crateús, Ararendá e Independência.

Para Claudia Martins, da direção do MST no estado, se solidarizar com as famílias que já sofrem no cotidiano com a falta de políticas públicas, principalmente neste momento com os impactos provocados pelas chuvas e com a pandemia Covid-19, é central.

“Além da conjuntura desfavorável para classe trabalhadora, com retiradas de direitos impostas pelo atual governo brasileiro, neofascista e servidor do capital, nós precisamos continuar a nossa luta em defesa da vida e da soberania do nosso povo, garantindo a produção de alimentos saudáveis e fazendo com que este chegue a quem mais precisa. Nesse sentido, precisamos cada vez mais reafirmar o princípio e a prática da solidariedade como uma arma de luta contra o imperialismo”, afirma Martins.

NÚMEROS

Ao todo foram distribuídos mais de uma tonelada de alimentos e cerca de 200 famílias receberam os produtos. O coletivo de militantes envolvidos na distribuição tomaram todos os cuidados para evitar contato físico e a propagação coronavírus. ●



Arquivo MST Ceará

AGOSTO

No Ceará, juventude do MST doa alimentos da reforma agrária nas periferias da capital

Banana, melancia, macaxeira, jerimum, batata e feijão, são alguns dos produtos contidos nas cestas que foram entregues

| Aline Oliveira e Marcelo Matos

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realizou doação de seis toneladas de alimentos para famílias de bairros da periferia Fortaleza, os produtos são advindos de assentamentos e acampamentos de todo estado. Mamão, banana, melancia, macaxeira, limão, jerimum, batata, farinha, feijão, são alguns dos produtos contidos nas cestas que foram entregues com o intermédio de outras organizações como a Pastoral de Migrantes e Refugiados, Indígenas, Ong ConVida, Coletivo Arte de Amar, Centro Pastoral Maria Mãe da Igreja, Lar Amigos de Jesus e comunidade do Lagamar.

A ação de solidariedade faz parte da programação da XI Jornada Nacional da Juventude Sem Terra, que esse ano tem como lema “Juventude em Luta, Pela Vida e Por Direitos”. As jornadas da juventude acontecem sempre durante o mês de agosto, com diversas atividades

culturais, de formação, mobilizações e lutas, esse ano por conta da pandemia está acontecendo de forma diferente. Muitas ações têm sido desenvolvidas como a construção de viveiros, plantio de árvores, distribuição de máscaras, atos em defesa da educação e contra o retorno das aulas presenciais e ações nas redes e nas ruas exigindo o Fora Bolsonaro.

De acordo com Luz Marin, da Direção Estadual do MST Ceará e do Setor de Juventude, as ações de solidariedade mobilizaram assentamentos e acampamentos para doação de alimentos produzidos, “consequimos arrecadar seis toneladas de alimentos que chegarão à mesa de famílias carentes, compreendendo o momento que estamos vivendo de pandemia, entendemos que é necessário fortalecer cada vez mais essa relação da juventude na produção, mas também nessa relação campo e cidade, como diz a palavra de ordem se o campo não planta a cidade não janta”.

Leticia Feitosa, estagiária do Projeto Aqui tem Sinal de Vida da Barra do Ceará agradece as famílias camponesas as doações de alimentos nesse momento de tanta dificuldade “As cestas de alimentos que chegam nesse momento de pandemia tem sido muito importantes, porque aqui na Barra do Ceará a maioria das pessoas foram afetadas pelo desemprego e estes alimentos vão ajudar essas famílias e vai dar uma nova esperança, eu quero agradecer a todas as famílias do MST que doaram e contribuíram para manter a periferia viva, fortalecendo assim a relação do campo com a cidade”.

Durante os sete dias de mobilização e trabalho nas diversas ações, foram plantadas 1500 mudas de árvores frutíferas, doadas cinco mil máscaras, seis toneladas de alimentos, diversas faixas e lambes embelezando os espaços coletivos dos assentamentos. ●



SETEMBRO

Arquivo MST Ceará

Desde o início da pandemia, MST já doou 3400 toneladas de alimentos

As doações, que inicialmente começaram a ser feitas por acampamentos e assentamentos, hoje integram duas campanhas mais amplas de solidariedade

Da Página do MST

Diante de um cenário de pandemia, a insegurança alimentar também voltou a assombrar o país. Dados recentemente divulgados pela FAO revelaram que a fome voltou a aumentar. De acordo com a entidade, 37,5 milhões de pessoas viviam uma situação de insegurança alimentar moderada no país no período entre 2014 e 2016. Entre 2017-2019, porém, esse número chegou a 43,1 milhões. Em termos percentuais, o número também subiu, de 18,3% para 20,6%.

Na contramão dessa tragédia anunciada, a agricultura familiar, atrelada à Reforma Agrária Popular, reafirma seu papel no combate à fome e a desigualdade.

Desde o início da pandemia o MST tem realizado ações de solidariedade nos 24 estados do país. Até setembro foram doadas 3400 toneladas de alimentos nos 24 estados do país: Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo,

Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

“As doações são ações diretas de diálogo entre o povo do campo e da cidade. Toda vez que ocorre uma doação da Reforma Agrária, chega na mesa de um brasileiro um alimento contra a fome e a desigualdade social pelas quais o Brasil sempre passou, mas que se intensificou agora nesse período de pandemia”, explica Kelli Mafort, da Direção Nacional do MST.

As ações, que são realizadas em conjunto com a Campanha Periferia Viva, constituída pelo MST, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), Levante da Juventude, Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD) e Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), e a iniciati-

va Vamos Precisar de Todo Mundo, composta pelas Frente Brasil Popular e a Frente Povo Sem Medo. As ações vão desde doações de legumes, verduras, frutas e hortaliças, passando por marmitas com refeições prontas, equipamentos de proteção individual, produtos de higiene e livros.

Além do Brasil, as brigadas internacionalistas do MST alocadas na Zâmbia, Haiti e Venezuela também participam das ações de solidariedade.

Mafort lembra que a pandemia da covid-19 evidenciou ainda mais a importância da destinação de recursos para a agricultura camponesa, pois esse é o único caminho garantidor da soberania e da segurança alimentar para a população brasileira.

“Para que a solidariedade seja mantida e para que o produto continue saindo da roça para chegar até a panela vazia da cidade, não basta só boa vontade, precisamos de políticas públicas”, finaliza Kelli. ●

OUTUBRO

Solidariedade de classe reúne trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade

Cerca de 800 toneladas de alimentos já foram mobilizadas em doações pelo MST no Nordeste durante a pandemia

Por Lays Furtado
Da Página do MST

Desde março o MST se mantém mobilizado com outros movimentos da Frente Brasil Popular e Povo Sem Medo nas campanhas populares para o enfrentamento do novo coronavírus e a fome em todo o país. No Nordeste, as atividades de solidariedade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra estão integradas as ações realizadas pelas campanhas Periferia Viva Contra o Coronavírus e Mãos Solidárias (PE).

Ao longo desse período, essas ações envolveram milhares de pessoas entre militantes e voluntária, onde foi possível arrecadar 800 toneladas de alimentos. Sobretudo de produtos da Reforma Agrária Popular, que saíram das roças da agricultura familiar camponesa para abastecer as mãos e as mesas das periferias das cidades. Em todo o Brasil mais de duas mil toneladas já foram doadas pelo MST.

Na região Nordeste, foram doadas 270 mil marmittas e refeições, 43 mil máscaras de proteção e milhares de cestas básicas. Além de água, álcool, sabão, entre outros itens de higiene e equipamentos de proteção individual (EPI's).

Entre as diversas ações solidárias realizadas pelo MST no Nordeste, destacamos as centenas de tonela-

das de alimentos doados por acampadas e assentadas em Alagoas, Pernambuco e Bahia. Em Sergipe mais de 40 entidades foram beneficiadas com as doações dos produtos da Reforma Agrária. Rio Grande do Norte produziu e distribuiu mais de 10 mil máscaras de proteção. Paraíba distribuiu 24 mil litros de leite. No sertão do Piauí, 150kg de sabão foram produzidos e distribuídos pelo coletivo de mulheres Sem Terra. No Ceará, além das doações de alimentos e marmittas, foram plantadas 1500 mudas de árvores frutíferas para contribuir para um presente e futuro sustentável que não se abata pela fome.

ANÁLISES DE CONJUNTURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Desde o início da pandemia, as análises de conjuntura do MST já previam que os efeitos das crises provocadas pelo novo coronavírus impactaria o povo durante muitos meses.

É nesse sentido que tomamos medidas como o lançamento do Plano Emergencial de Reforma Agrária Popular, incidimos para a construção do Projeto de Lei (PL 735) para fortalecer a agricultura familiar, tal qual a produção de alimentos. Reinventamos nossas articulações com as bases e reforçamos ações de solidariedade que sempre estiveram presentes no movimento atuando com e para o povo.

Ocasão em que nos dedicamos à traçar estratégias, chamando atenção para as possíveis soluções frente aos riscos em que estamos envolvidas. Principalmente com o aumento das desigualdades e da fome, adoecimento e mortes na falta de um pacto federativo contra o genocídio da população brasileira. Que alcançou mais de 153 mil mortes subnotificadas por contágio ao covid-19 no país.

Isso sem contar as mortes e adoecimentos causadas pelo aumento das misérias e da fome, tendo 4 em cada 10 brasileiras(os) em situação de insegurança alimentar no Brasil, onde 1/3 dos lares onde há fome estão no Nordeste (IBGE 2017-2018), com indicativos agravantes nas zonas rurais. Com a pandemia esses números são potencialmente maiores e devem se apresentar mais pontualmente em levantamentos de dados futuros.

Contudo, apesar de haver uma recente queda do contágio e mortes em todas regiões, a falta de transparência e providências sobre os dados e efeitos do Covid-19 pelo governo federal continuam afetando a vida das pessoas nos centros urbanos e zonas rurais. Estamos sendo empurradas(os) a acreditar que a pandemia acabou e que não passou de uma "gripezinha", como afirma o presidente Jair Bolsonaro.



Fotos: Arquivo MST Ceará

**SOLIDARIEDADE DE CLASSE
ENTRE TRABALHADORAS,
TRABALHADORES E
COMUNIDADES**

Diferente da caridade, o que se destaca nas ações de solidariedade promovidas entre trabalhadoras e trabalhadores do campo e da cidade é sobre os significados e afetos sobre o que é solidariedade ativa, de classe.

“E assim vai se fortalecendo esses vínculos do campo com a cidade. O vínculo da classe trabalhadora. O vínculo onde se partilha o que se tem não se dá o que sobra, como a gente vê com essa solidariedade SA aí que a TV propagandear tanto” — conta Paulo Mansan, dirigente estadual do MST e coordenador da Campanha Mãos Solidárias em Pernambuco.

Em Pernambuco, a Campanha começou como em muitos outros estados: com as Marmitas Solidárias, que foram sediadas no Armazém do Campo Recife, dirigidas para as pessoas em situação de rua. E agora, com a expansão de suas articulações e trabalho de base, a campanha conta com várias brigadas e instituições parceiras que fortalecem a atuação em todo o estado e para além dele. Crian-

do redes do povo cuidando do povo, mesmo sabendo que isso não isenta o Estado de suas obrigações.

“Então nesse momento de pandemia uma medida emergencial de curto prazo foi a produção de marmita solidária e logo depois a gente começou a entrar para as comunidades e bairros de Recife ajudando a resolver os problemas do povo. Sabendo que é uma é uma função do Estado garantir as condições dignas de vida como o Estado não resolveu, os trabalhadores organizados deram as respostas tanto na saúde. Como na alimentação e assim fortalecendo vínculos e garantindo a solidariedade dos trabalhadores do campo com os trabalhadores da cidade”, conta Mansan.

Com isso, as brigadas se consolidaram como frentes de atuação que abrangem direitos, saúde, alimentação, geração de renda e educação popular — formando Agentes Populares nas comunidades onde atuam por meio da Campanha Mãos Solidárias e Periferia Viva Contra o Coronavírus.

“Aqui em Pernambuco nós conseguimos construir esse vínculo e de várias formas, em várias comunidades que nós não atuávamos, que nós não trabalhávamos antes. O

MST tem um pouco essa experiência, que acumulou com a educação popular de organizar o povo” — analisa o dirigente do MST, Paulo Mansan.

Foi durante esses processos organizativos que surgiu também a formação de Agentes Populares de Educação, que ocorreu em setembro em Recife. Contando com a participação de brigadas das campanhas de solidariedade de Pernambuco e Alagoas.

Entre essas diversas trocas de saberes e processos formativos, William Souza — membro do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD) — conta que atuar em seu bairro com solidariedade ativa é uma oportunidade de buscar soluções comunitárias em meio às crises que se agravam no cotidiano das periferias.

“Como a gente não tem esse direito, o direito nosso são cortados. São vetados pra gente boa educação, são vetados pra gente a saúde, e a gente se vira na medida como pode diante da sociedade. Por que a sociedade tem que enxergar mais as comunidades.” — desabafa William, que tem apenas 18 anos mas já se formou como Agente Popular de Saúde na comunidade da Muvuca, em Maceió, onde mora há oito anos. ●



Antônio Conselheiro

Resistindo e combatendo o coronavírus nos territórios de Reforma Agrária do Ceará

Precisamos dialogar com nossos territórios, compreender a cultura, as vivências e práticas do povo do campo, que construa seus exemplos a partir da nossa realidade

Setor de Saúde MST Ceará

No estado de Ceará, desde algum tempo, persiste o debate sobre realização de educação em saúde que dialogue com as nossas peculiaridades e diferenças no campo, nós analisamos que o modelo de assistência em saúde na atenção primária, não necessariamente atende as nossas demandas, e tampouco dialoga com nossos territórios. A proposta de construir um processo de formação de Agentes Populares de Saúde do Campo, é mais do que nunca uma busca ativa por um modelo de saúde, uma maneira da nossa organização trazer para o debate os princípios de bem viver, compreendendo que a saúde não é só ausência de doença, mas é acesso à terra, alimento de qualidade, trabalho e moradia, é o modelo de assistência que queremos.

Precisamos dialogar com nossos territórios, compreender a cultura, as vivências e práticas do povo do campo, que construa seus exemplos a partir da nossa realidade.

Em termos de organicidade do MST Ceará está organizado em 17 brigadas. Destas iniciamos a experiência em nove brigadas, chegando a atingir 16 assentamentos e um Acampamento. São 30 pessoas em formação e fazendo trabalho de base nos assentamentos. O estado está compondo a coordenação nacional, participando de forma sistemática das formações, o setor de saúde no estado tem representação das brigadas, médicos, coletivo de cuidados da militância e setor de gênero. Das ações concretas, vem se realizando o processo de Formação dos Agentes Populares de Saúde, em duas frentes, um grupo de Formação de Formadores que conta além do MST com a Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares e o Coletivo de Cuidados da Militância. A Formação está pautada prioritariamente no enfrentamento da pandemia, por isso a estrutura organizacional da nossa proposta de formação em curso, está delineada em 3 blocos, sendo:

- **Bloco I:** A Pandemia; aspectos gerais, internacionais, nacionais e regionais • A Pandemia; o que é a covid-19, o que é o vírus, aspectos clínicos da doença • A Pandemia e as estratégias de prevenção, onde são detalhadas as estratégias e cuidados. • Apresentação da proposta de formação e o convite a se tornar Agente Popular de Saúde do Campo, como forma de combater a pandemia.
- **Bloco II:** A Pandemia e o SUS (aspectos históricos, compreensão do momento de desgoverno e de intenso processo de desmonte do SUS) • A Pandemia e os cuidados, o que fazer com quem adocece • A Pandemia e as nossas práticas populares, o uso de plantas medicinais.
- **Bloco III:** A Pandemia e seus efeitos ou consequências • A Pandemia e o aumento da violência doméstica, em especial a violência contra a mulher • A Pandemia e seus efeitos sobre a saúde mental • A Pandemia e o uso da informação, compreender e combater as Fake News.

Não podemos deixar de mencionar que esse processo de formação tem sido possível também, graças as parcerias que o MST vem construindo junto as instituições acadêmicas, a exemplo da Fundação Oswaldo Cruz (FIO-CRUZ), tanto com a sede Ceará, como com a sede Brasília, que inclusive este ano abriu sua turma de mestrado especial no Ceará, em parceria com organizações sociais, dentre eles a Rede Nacional de Médicas e Médicos Populares, onde temos seis mestrados do MST, que estão envolvidas com os APSC e elaborarão como produto de mestrado um caderno sobre este processo formativo, que se tornará um caderno nacional do setor de saúde.

Na produção de materiais temos cards, vídeos, áudios para serem socializados nas mídias (rádios, grupos de WhatsApp), as comunidades têm feito barreiras sanitárias, confecção de máscaras para uso e doação, faixas com orientação de isolamento nas entradas dos assentamentos e acampamentos, pinturas, e stencil nas casas e estruturas coletivas. Com os Agentes Populares do campo já observamos alguns resultados do trabalho, estes tem feito práticas de cuidados em saúde, de orientação, identificação e acompanhamento das famílias. Acompanhamento semanal dos casos de Covid-19 nos assentamentos e acampamentos.

O setor de saúde tem contribuído com o setor de educação na elaboração de protocolos de funcionamento das escolas, palestras envolvendo as coordenações das escolas e a comunidade escolar, participou em audiência na Secretaria de Educação do Estado. Das articulações externas o setor participa e contribui no GT de saúde no Fórum

Ceará pela Vida. Em todos esses processos a organicidade é fator central ao possibilitar o planejamento e execução das atividades. Embora ainda persistam muitos limites e desafios na caminhada sendo necessário trabalho de base para conscientizar os sujeitos que cada um tem responsabilidades individuais e coletivas. Ainda nos deparamos com pessoas que tem dificuldades em entender as medidas de proteção da vida. Tem localidades que não levaram a sério essas medidas e amargaram as consequências com o adoecimento e perda de pessoas para a covid-19 por conta das dificuldades de atendimentos, acompanhamento de acesso aos serviços de saúde que são de muita precariedade nos municípios do interior.

Portanto o desafio de continuarmos na luta em defesa da vida e por direitos é bandeira cotidiana da classe trabalhadora seja da cidade ou do campo. Diante, desta desafiadora experiência que estamos vivenciando, compreendemos a importância da mística que nos anima para o enfrentamento ao sistema e aos algozes do capital que querem nos exterminar, mas nós insistimos em lutar, viver, produzir, estudar e sonhar, tendo como meta a transformação da sociedade. A centralidade desta ação é o resgate da solidariedade e o trabalho voluntário de cuidar do povo, diante de um país governado por uma corja de milicianos que teimam em querer nos exterminar com sua política nefasta de retirada de direitos e conquistas da classe trabalhadora. Resistiremos e insistiremos em viver e construir essa sociedade com mulheres e homens novos, imbuídos de valores humanistas.

Avante Camaradas! ●



Arquivo
MST Ceará

As Rádios Comunitárias Populares tem um papel central na luta pela Reforma Agrária Popular

Construir o sistema de comunicação Sem Terra é conquistar uma importante ferramenta de disputa ideológica

Aline Oliveira

O Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST) tem ocupado as ondas eletromagnéticas desde a década de 1980, intercalando com períodos de maior ou menor intensidade, desse modo entende-se que o rádio faz parte da cultura de quem vive no campo, principalmente por ser um meio flexível e por possibilitar desenvolvimento de outras tarefas enquanto se escuta os programas.

Construir o sistema de comunicação Sem Terra é conquistar uma importante ferramenta de disputa ideológica, as rádios comunitárias do MST tem sido consideradas fundamentais para as mudanças nos territórios de Reforma Agrária e para emancipação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade. As diversas experiências de construção de rádios tem sido encaradas como uma forma de garantir o direito a comunicação.

Durante 37 anos, o MST tem construído vários espaços de comunicação: site, revistas, páginas em redes sociais, jornais, documentários e as rádios, estas, por sua vez tem garantido espaços estratégicos na formação política, no acesso a informação local, e o mais importante tem sido feita por, para e pelo povo camponês, assentados, assentadas, jovens, mulheres e crianças.

No Ceará, a primeira rádio comunitária nasce da necessidade das famílias assentadas em realizar uma comunicação interna mais eficiente, a primeira experiência surge no ano de 2007 no assentamento 25 de Maio, no município de Madalena, na região do sertão central, por coincidência o primeiro latifúndio improdutivo ocupado pelo MST no Ceará é também palco da primeira ocupação do latifúndio do ar, com a implantação da Rádio 25 de Maio FM. Em seguida vieram as rádios Lagoa do Mineiro FM, localizada no Assentamento Lagoa



Arquivo MST Ceará

do Mineiro em Itarema, na região do litoral e a Rádio Camponesa Palmares, no Assentamento Palmares em Crateús, na região dos Inhamuns.

Os coletivos de comunicadores e comunicadoras do MST Ceará vêm realizando uma tarefa fundamental nos processos formativos e informativos nos territórios, reconhecendo a importância dos sujeitos que tem uma identidade camponesa, e ao mesmo tempo são e comunicadores, que sempre estão à disposição para conduzir os debates acerca da luta de classes, da solidariedade, do compromisso do povo para com o povo, de fortalecer a cultura camponesa, a educação popular é algo essencial para estratégia da luta pela Reforma Agrária Popular.

As primeiras experiências de rádio no Ceará foram exitosas por contar com apoios de amigos e amigas, que se dispuseram a consolidar esse sonho de garantia de mais uma conquista da luta popular.

No ano de 2017, o MST iniciou um diálogo com a We World Brasil com intenção de consolidar parcerias e desse modo fortalecer a comunicação popular através da implantação de mais quatro rádios. No entanto, veio a se concretizar em 2018, através do Projeto Contexto. O projeto está no território do Sertão Central e Sertão do Inhamuns Crateús, desse modo as rádios foram implantadas em assentamentos das regiões. Hoje o Ceará tem sete rádios comunitárias, que são: a Rádio 25 de Maio/Madalena, Lagoa do Mineiro/Itarema, Camponesa Palmares/ Crateús/, Vozes do Campo/Monsenhor Tabosa, Canaã / Quixeramobim, Resistência Salão/Mombaça e a Rádio Som da Terra FM em Santana do Acaraú, implantada em 2020 durante a pandemia do Covid 19, essa foi construída por iniciativa direta das famílias assentadas. Importante destacar que todas as rádios do MST estão inseridas dentro de assentamentos de Reforma Agrária. ●

A Rede de Comunicação Popular Sem Terra do Ceará e os Desafios em Tempos de Pandemia



Antônio Conselheiro

Aline Oliveira |

Desde de Março de 2020, o Brasil tem enfrentado a pandemia que já fez mais de 200 mil vítimas fatais, durante todo esse período o MST tem se reinventado em seus diversos setores, com doação de alimentos saudáveis, doação de sangue, plantio de árvores, campanhas de combate a violência contra a mulher, os agentes populares de saúde, dentre tantas outras, todas estas ações estiveram presentes nos diversos espaços virtuais e nas ondas do ar, do MST, a nível regional, estadual, nacional e internacional.

As áreas de Reforma Agrária, assentamentos e acampamentos foram palco da resistência do povo Sem Terra, com a quarentena produtiva, que possibilitou a doação de alimentos a quem tem fome nas periferias dos grandes centros urbanos desse país.

A comunicação teve uma tarefa gigante de diálogo interno e externo, a base as-

sentada e acampada teve a necessidade de compreender a conjuntura adversa que passou e ainda passa o Brasil e o mundo, o maior desafio foi mantê-los informados de como se cuidar, como fazer os cuidados coletivos e como garantir a quarentena produtiva.

Para Andréia Caetano, militante do MST e Comunicadora Popular na Rádio 25 de Maio, "as nossas rádios desde sempre cumprem um papel importante nos nossos Assentamentos, sempre foi uma forma de comunicar pelo ponto de vista da classe trabalhadora, de fazer debates políticos levar a informação até nossos assentados e assentadas, mas agora na pandemia ela foi imprescindível pra manter nosso contato direto com toda nossa base, levar até eles nossas atividades e ações que estão sendo realizadas, também teve a tarefa de desfazer muitas falsas notícias, e temos feito o trabalho

de conscientizar sobre o isolamento social e os cuidados com relação a pandemia”.

No Ceará, onde está concentrada 50% das rádios comunitárias populares do MST, desde o início da pandemia, diversas ações foram realizadas: boletins de saúde com participação de profissionais da área, diversas lives, e uma das estratégias mais exitosas as transmissões de programas especiais sobre diversos temas em rede — todas as rádios transmitindo simultaneamente, nas ondas do ar, na web (app.RadiosNet), e nas redes Facebook e Youtube.

“As rádios comunitárias populares do MST Ceará nesse período tiveram um papel muito importante, principalmente devido o processo de distanciamento social, as pessoas passaram a ficar mais tempo em casa, então a programação das nossas rádios passaram a ser essa companhia diária das nossas famílias acampadas e assentadas, levando a diversidade cultural, músicas da luta, temas de extrema importância como saúde e prevenção, privatização dos assentamentos, conjuntura política e agrária, e foi fundamental manter esse contato direto com nossa base, já que as atividades presenciais foram suspensas, o rádio de fato passou a ser um instrumento indispensável no diz respeito a tarefa do Sistema de Comunicação Popular Sem Terra, garantindo a formação, a informação e organização”, afirma Nacélio Santos, militante do MST, educador e comunicador Popular na Rádio Som da Terra FM, do assentamento Bonfim Conceição, em Santana do Acaraú.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

NAS ONDAS DO AR

Assim como o MST teve necessidade de reinventar as suas atividades, é importante destacar que as rádios tiveram um papel fundamental, a educação do campo também se apropriou da ferramenta para

chegar até os educandos e educandas que tiveram limites com o uso da internet. Desde outubro de 2020 a Escola João dos Santos de Oliveira, localizada no Assentamento 25 de Maio no município de Madalena, passou a realizar debates acerca dos temas das aulas através da Rádio 25 de Maio FM.

Sandra Vitor, é militante do MST e diretora da Escola e relata “essa experiência foi algo enriquecedor para nós da gestão, para nossos educadores e principalmente para os educandos, iniciamos esse processo com a intenção de chegar onde nossos estudantes estavam, e tivemos uma recepção muito boa, nossos educadores e educadoras fizeram uma força tarefa para garantir bons conteúdos, é importante destacar que o rádio teve essa tarefa de inovar as atividades, obviamente os conteúdos chegaram também de forma impressa mais o rádio teve esse papel de subsidiar. Essa é uma experiência que mesmo pós pandemia, vamos continuar realizando debates e ocupando esse espaço, o papel da escola não é somente a sala de aula, mas precisamos cada vez mais extrapolar os muros da escola e levar conhecimento a todas as famílias assentadas e acampadas sobre diversos temas que nossa luta tem construído ao longo dos anos”.

Das sete rádios comunitárias do MST no Ceará, seis delas estão inseridas em assentamentos que tem escola de ensino médio do campo, e algumas experiências exitosas já tem ocorrido, a programação das rádios sempre envolve um programa específico da educação, conduzido por sujeitos que estão diretamente ligados a gestão e ao núcleo de educadores e educadoras destas.

**Lutar, Comunicar,
Construir o Poder
Popular! .**

Em meio a pandemia, estudantes, educadores e militantes não deixaram de realizar a VII Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária no Ceará

Todas as atividades aconteceram de modo virtual, entre os meses de abril e dezembro



Arquivo MST Ceará

Redação

Em 2020, mesmo afetados pelos enormes danos causados à educação pela pandemia do coronavírus e o governo Bolsonaro a educação. Estudantes, educadores, educadoras e militantes sociais não deixaram de realizar a VII Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária no Ceará. Todas as atividades aconteceram de modo virtual, entre os meses de abril e dezembro. A última atividade da VII Jura foi o lançamento do livro “Os Sem Terra: uma história da luta social no Brasil”, de Monyse Ravena, co-editado pela Expressão Popular e o Plebeu Gabinete de Leitura.

Entre os meses de abril e junho, a Jura, lançou semanalmente boletins virtuais nominados afetuosamente de “diários”, homenageando lutadores e lutadoras de todo o mundo. Por esses boletins passaram nomes como Mario Benedetti, Daniel Viglietti, Eduardo Galeano, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Celso Furtado, Engels, Lenin, Salvador Allende, etc. Entre as homenagens, tivemos de maneira muito especial os 15 anos da Escola Nacional Florestan Fernandes e o aniversário do MST Ceará. Participaram enviando depoimentos pessoas como Isabel Loureiro, Michael Lowy, Peter Rosset, João Pedro



Arquivo MST Ceará



Arquivo MST Ceará

Capas: Reprodução/Editora Expressão Popular

Stedile, Paula Godinho, Fernando de La Cuadra, Newton Albuquerque.

No mês de julho, por meio do coletivo que anima a Jura foi lançado o livro “Dom Fragoso e Padre Alfredinho entre nós”, uma homenagem ao centenário de nascimento de Dom Antonio Batista Fragoso e Padre Alfredinho, ambos expoentes da teologia da libertação na Diocese de Crateús. O livro reuniu textos inéditos sobre os dois homenageados, mas também trouxe o acervo de editoriais do Jornal O Roceiro, todos escritos por Dom Fragoso, além de um capítulo dedicado a sugerir um repertório de bibliografia e fontes sobre os assuntos tratados.

Em agosto a Jura participou junto a movimentos populares e coletivos de todo o Brasil da campanha em solidariedade ao Acampamento Quilombo Campo Grande, em Minas Gerais, que sofreu um violento despejo, que durou mais de 50 horas, já sendo o mais longo despejo ocorrido no século XXI. A Campanha continuará quando a nova escola e a nova biblioteca forem reerguidas no local. Nessa Campanha o apoio da ADUFC Sindicato e do SINDSICE foram imprescindíveis.

Importante frisar a participação das Escolas do Campo, com suas educadoras, educadores e educandos em várias atividades da Jura, assim como a transmissão mensal que acontecia pela Rede de Rádios do MST Ceará possibilitando a amplificação dos diálogos entre o campo e a cidade, entre a universidade e os acampamentos e assentamentos.

Entre os livros lançados na Jornada destacamos ainda aquele dedicado às matriarcas da luta pela terra no Ceará e organizado por Lourdes Vicente, Paula Godinho e Adelaide Gonçalves. ●



Aspásia Mariana



Aspásia Mariana



NOSSOS
SILÊNCIO

NENHUM MINUTO
UMA VIDA DE LUTA!